

A razão para o mal do mundo

O problema das invasões denominadas "PRIMAVERAS", é que são feitas pelo sionismo que quer dominar o mundo. O nazismo tinha muita razão com respeito aos judeus, a prova disso é o livro encontrado na Rússia, "Os Protocolos de Sião" e os acontecimentos posteriores que aconteceram nos estados unidos. Onde eles conseguiram dominar o país, como expressado pelo nazismo que eles queriam fazer, como também foi descrito no livro "Protocolos de Sião" o como eles iriam conseguir fazer isso.

Os judeus, sionistas ou não parecem ser um só corpo, mesmo que existam muitos lutando contra o sionismo. E como eles estão em todos os países, os judeus da região são usados para introduzir e APOIAR mercenários, terroristas e elementos do exército do país que apoia ou que é dominada por judeus sionistas, que pode ser uma republica, reinado ou tirania como e o caso da Arábia Saudita ou o grupo terrorista IE que provem daquele país.

Hitler e o nazismo tinham razão em muitas coisas, o Ocidente o demonizaram com o judaísmo como mártir, coisa totalmente errada, com a propaganda e os estereótipos sociais formados pelas potências capitalistas do Ocidente, liderados pelos EEUU.

Primeiro temos que o verdadeiro poder, a causa real do que está causando a depredação e a incapacitação mental da humanidade é o capitalismo, uma vez que eles, os judeus são os donos do capital e facilmente podem obter o apoio de milionários, como fizeram na Ucrânia. Eles também usam os poderes de armas e sanções obtidos com o apoio das populações escravizadas, como é a dos EUA e UE.

Assim é como eles assassinam líderes esquerdistas em todos os países do mundo, atacando, prejudicando e roubando de países comunistas ou de esquerda, países como Cuba e Venezuela.

Em todo o mundo eles buscam colocar os judeus em posições importantes, de mando no sistema político ou judicial. Depois de obter todo o poder, como fizeram nos EUA, já ninguém por mais capacitado que seja, consegue obter um posto de comando se não for judeu; e se entra alguém eles fazem as regras, sendo que se a pessoa negar-se, é assassinada, sofre um acidente aparentemente fortuito.

Podemos ver que nos EUA a TIRANIA sionista é total. Entre os vários partidos, apenas dois podem chegar a informar as pessoas e conseguir os votos da população, o sionismo "DEMOCRÁTICO" ou "REPUBLICANO", que são em última análise, a mesma coisa.

O que nos espera se chegar a dominar e destruir China e do comunismo?

Sionismo é aí que reside o perigo

Sionismo é aí que reside o perigo

1) Os judeus são sionistas ou simpatizantes, e vivem em todo o mundo e são os cidadãos de todos esses países.

2) Eles recrutam mercenários em todo o mundo e tem domínio sobre as forças de elite de todos os países dominam. Muitos europeus vão lutar nas fileiras dos rebeldes do EI e outros terroristas recrutados pelos judeus desses diferentes países.

3) Eles usam os residentes judeus de países que querem invadir, para conseguir a introdução no país em questão, assim conseguem orientação e apoio para os soldados, mercenários, soldados que na verdade são os verdadeiros terroristas, como sucede na Síria, Ucrânia e Venezuela, entre outros.

4) Os ricos e poderosos são convidados a juntar-se a eles, são impulsionado pela ganância e desejo de poder. Os milionários, ricos e poderosos, incluindo algumas sociedades secretas juntaram-se aos judeus para conquistar e dominar o mundo. O exemplo é a Arábia Saudita com os terroristas

apoiados pelo EI EUA e ocidente. O mundo já está distribuído.

Por outro lado, o que é Israel? Quem são eles? Ser judeu é uma incoerência, porque ser judeu não é nascer de mãe judia. Se os judeus eram da Palestina, os que ali ficaram, essas mulheres eram judias ; mas aparentemente eles não reconhecem os palestinos como filhos de ventres judeus. Isso é porque eles não são da palestina e sim de uma elite selecta que quer se impor no mundo inteiro e escravizar as outras pessoas não-judias. Os judeus são somente 2% da população mundial. Quando eles torturam e matam crianças palestinas no noticiário diz: "as crianças palestinas estão bem mortas porque seriam futuros terroristas ." Eles são tão sectários e racistas que mesmo os que nasceram em Israel não são considerados judeus ou israelitas, é o mais racista que existe no mundo e sua crueldade não tem limites.

Em Israel os rabinos mais religiosos dizem: "SERES HUMANOS SOMOS SÓ OS JUDEUS!! OS OUTROS SÃO COMO OS ANIMAIS, PARA USO E USUFRUTO DO POVO JUDEU ".

Em vez de gritar "malditos nazistas!" Devemos gritar "malditos judeus". Pois tudo o que dizem que os nazistas eram, cabe muito melhor nos judeus, o terno está de medida. Devemos sempre ter presente na memória todos os roubos,, assassinatos, degradação e extinção exterminação que os judeus fazem na Palestina. E quando o mundo fizer a sua volta, cobrar deles com a mesma moeda. ESTE SIM É UM HOLOCAUSTO MODERNO! Sem as mentiras do Holocausto judeu, que nos números da Cruz Vermelha são apenas 300.000 e 40% deles não eram judeus. O Holocausto foi feito para roubar a Alemanha, com o apoio do lixo dos eeuu, com fotos e números falsos, que foi onde inventaram os 6.000.000. Com o apoio dos russos da época que sabiam não ser verdade.

Sabemos, também, que o povo judeu não é o que diz. Eles são uma mentira dos reis da falsidade , os rabinos. O historiador israelense Shlomo Sand desafia vários dos mitos oficiais do sionismo. A tese defendida por Shlomo Sand manteve seu livro na lista dos mais vendidos durante um mês. Professor de História Europeia na Universidade de Tel Aviv, acaba de publicar "**Quando e como o povo judeu foi inventado**", que questiona alguns princípios da história sionista oficial. O livro permaneceu quatro semanas na lista de best-seller em Israel.

O livro contém duas teses que no passado tiveram algum favor, também entre os historiadores sionistas, mas agora foram arquivadas, que os judeus de hoje vem de povos pagãos que se converteram ao judaísmo longe da Palestina, e, portanto, não são descendentes de antigos judeus e os árabes palestinos são os únicos descendentes dos antigos judeus. Veja este artigo que vou transcrever:

Como foi inventado o povo judeu – Um livro importante de Shlomo Sand

01/01/2013 | Leitura Crítica

Por Miguel Urbano Rodrigues.

O Diário.info – Embora crescentemente desmentidos pela arqueologia, pela genética e pela historiografia séria, os mitos de que se alimenta o sionismo continuam a constituir a base em que assenta a reivindicação de legitimidade do estado etnocrático, confessional, racista e colonialista de Israel. O «Estado do Povo Judeu» assume-se como democrático. Mas a realidade nega a lei fundamental aprovada pelo Knesset. Não pode ser democrático um Estado que trata como párias de novo tipo 20 % da população do país, um Estado nascido de monstruoso genocídio em terra alheia, um Estado cuja prática apresenta matizes neofascistas.

Uma chuva de insultos fustigou em Israel Shlomo Sand quando publicou um livro cujo título – «Como foi inventado o povo judeu» * – desmonta mitos bíblicos que são cimento do Estado sionista de Israel.

Professor de História Contemporânea na Universidade de Tel- Aviv, ele nega que os judeus constituam um povo com uma origem comum e sustenta que foi uma cultura específica e não a

descendência de uma comunidade arcaica unida por laços de sangue o instrumento principal da fermentação proto-nacional.

Para ele o «Estado judaico de Israel», longe de ser a concretização do sonho nacional de uma comunidade étnica com mais de 4 000 anos, foi tornado possível por uma falsificação da história dinamizada no século XIX por intelectuais como Theodor Herzl.

Enquanto acadêmicos israelenses insistem em afirmar que os judeus são um povo com um ADN próprio, Sand, baseado numa documentação exaustiva, ridiculariza essa tese científica.

Não há aliás pontes biológicas entre os antigos habitantes dos reinos da Judeia e de Israel e os judeus do nosso tempo.

O mito étnico contribuiu poderosamente para o imaginário cívico. As suas raízes mergulham na Bíblia, fonte do monoteísmo hebraico. Tal como a Ilíada, o Antigo Testamento não é obra de um único autor. Sand define a Bíblia como «biblioteca extraordinária» que terá sido escrita entre os séculos VI e II antes da Nossa Era. O mito principia com a invenção do «povo sagrado» a quem foi anunciada a terra prometida de Canaã.

Carecem de qualquer fundamento histórico a interminável viagem de Moisés e do seu povo rumo à Terra Santa e a sua conquista posterior. Cabe lembrar que o atual território da Palestina era então parte integrante do Egito faraônico.

A mitologia dos sucessivos exílios, difundida através dos séculos, acabou por ganhar a aparência de verdade histórica. Mas foi forjada a partir da Bíblia e ampliada pelos pioneiros do sionismo.

As expulsões em massa de judeus pelos Assírios são uma invencionice. Não há registo delas em fontes históricas credíveis.

O grande exílio da Babilônia é tão falso como o das grandes diásporas. Quando Nabucodonosor tomou Jerusalém destruiu o Templo e expulsou da cidade um segmento das elites. Mas a Babilônia era há muito a cidade de residência, por opção própria, de uma numerosa comunidade judaica. Foi ela o núcleo da criatividade dos rabinos que falavam aramaico e introduziram importantes reformas na religião mosaica. Sublinhe-se que somente uma pequena minoria dessa comunidade voltou à Judeia quando o imperador persa Ciro conquistou Jerusalém no séc. VI antes da Nossa Era.

Quando os centros da cultura judaica de Babilônia se desagregaram, os judeus emigram para a Bagdá abássida e não para a «Terra Santa».

Sand dedica atenção especial aos «Exílios» como mitos fundadores da identidade étnica.

As duas «expulsões» dos judeus no período Romano, a primeira por Tito e a segunda por Adriano, que teriam sido o motor da grande diáspora, são tema de uma reflexão aprofundada pelo historiador israelense.

Os jovens judeus aprendem nas escolas que «a nação judaica» foi exilada pelos Romanos apos a destruição do II Templo por Tito em 70, e posteriormente, por Adriano, em 132. Por si só o texto fantasista de Flavius Joseph, testemunha da revolta dos zelotas, retira credibilidade a essa versão, hoje oficial.

Segundo ele, os romanos massacraram então 1 100 000 judeus e prenderam 97 000. Isso numa época em que a população total da Galileia era segundo os demógrafos atuais muito inferior a meio milhão...

As escavações arqueológicas das últimas décadas em Jerusalém e na Cisjordânia criaram aliás problemas insuperáveis aos universitários e teólogos sionistas que «explicam» a história do povo judeu tomando a Torah e a palavra dos Patriarcas como referências infalíveis.

Os desmentidos da arqueologia perturbaram os historiadores. Ficou provado que Jericó era pouco mais do que uma aldeia sem as poderosas muralhas que a Bíblia cita. As revelações sobre as cidades de Canaã alarmaram também os rabinos. A arqueologia moderna sepultou o discurso da antropologia social religiosa.

Em Jerusalém não foram encontrados sequer vestígios das grandiosas construções que segundo o Livro a transformaram no século X, a época dourada de David e Salomão, na cidade monumental do «povo de Deus» que deslumbrava quantos a conheceram. Nem palácios nem muralhas, nem cerâmica de qualidade.

O desenvolvimento da tecnologia do carbono 14 permitiu uma conclusão. Os grandes edifícios da

região Norte não foram construídos na época de Salomão, mas no período do reino de Israel. «Não existe na realidade nenhum vestígio – escreve Shlomo Sand – da existência desse rei lendário cuja riqueza é descrita pela Bíblia em termos que fazem dele quase o equivalente dos poderosos reis da Babilônia e da Pérsia». «Se uma entidade política existiu na Judeia do século X antes da Nossa Era, acrescenta o historiador, somente poderia ser uma microrrealidade tribal e Jerusalém apenas uma pequena cidade fortificada». É também significativo que nenhum documento egípcio refira a «conquista» pelos judeus de Canaã, território que então pertencia ao faraó.

O SILENCIO SOBRE AS CONVERSÕES

A historiografia oficial israelense, ao erigir em dogma a pureza da raça, atribui a sucessivas diásporas a formação das comunidades judaicas em dezenas de países.

A Declaração de Independência de Israel afirma que, obrigados ao exílio, os judeus esforçaram-se ao longo dos séculos por regressar ao país dos seus antepassados. Trata-se de uma mentira que falsifica grosseiramente a História.

A grande diáspora é ficcional, como as demais. Após a destruição de Jerusalém e a construção de Aelia Capitolina somente uma pequena minoria da população foi expulsa. A esmagadora maioria permaneceu no país.

Qual a origem então dos antepassados de uns 12 milhões de judeus hoje existentes fora de Israel?

Na resposta a essa pergunta, o livro de Shlomo Sand destrói simultaneamente o mito da pureza da raça, isto é da etnicidade judaica.

Uma abundante documentação reunida por historiadores de prestígio mundial revela que nos primeiros séculos na Nossa Era houve maciças conversões ao judaísmo na Europa, na Ásia e na África.

Três delas foram particularmente importantes e incomodam os teólogos israelenses.

O Alcorão esclarece que Maomé encontrou em Medina, na fuga de Meca, grandes tribos judaicas com as quais entrou em conflito, acabando por expulsá-las. Mas não esclarece que no extremo Sul da Península Arábica, no atual Iémen, o reino de Hymar adotou o judaísmo como religião oficial. Cabe dizer que chegou para ficar. No século VII o Islão implantou-se na região, mas, transcorridos treze séculos, quando se formou o Estado de Israel, dezenas de milhares de iemenitas falavam o árabe, mas continuavam a professar a religião judaica. A maioria emigrou para Israel onde, aliás, é discriminada.

No Império Romano, o judaísmo também criou raízes, mesmo na Itália. O tema mereceu a atenção do historiador Dión Cassius e do poeta Juvenal.

Na Cirenaica, a revolta dos judeus da cidade de Cirene exigiu a mobilização de várias legiões para a combater. Mas foi sobretudo no extremo ocidental da África que houve conversões em massa à religião rabínica. Uma parcela ponderável das populações berberes aderiu ao judaísmo e a elas se deve a sua introdução no Al Andalus.

Foram esses magrebinos que difundiram na Península o judaísmo, os pioneiros dos sefarditas que, após a expulsão de Espanha e Portugal, se exilaram em diferentes países europeus, na África muçulmana e na Turquia.

Mais importante pelas suas consequências foi a conversão ao judaísmo dos Khazars, um povo nômade turcôfono, aparentado com os hunos, que, vindo do Altai, se fixou no século IV nas estepes do baixo Volga.

Os Khazars, que toleravam bem o cristianismo, construíram um poderoso estado judaico, aliado de Bizâncio nas lutas do Império Romano do Oriente contra os Persas Sassânidas.

Esse esquecido império medieval ocupava uma área enorme, do Volga à Crimeia e do Don ao atual Uzbequistão. Desapareceu da História no século XIII quando os Mongóis invadiram a Europa, destruindo tudo por onde passavam. Milhares de Khazars, fugindo das Hordas de Batu Khan, dispersaram-se pela Europa Oriental. A sua principal herança cultural foi inesperada. Grandes historiadores medievalistas como Renan e Marc Bloch identificam nos Khazars os antepassados dos asquenazes cujas comunidades na Polónia, na Rússia e na Romênia viriam a desempenhar um papel fulcral na colonização judaica da Palestina.

UM ESTADO NEOFASCISTA

Segundo Nathan Birbaum, o intelectual judeu que inventou em 1891 o conceito de sionismo, é a biologia e não a língua e a cultura quem explica a formação das nações. Para ele, a raça é tudo. E o povo judeu teria sido quase o único a preservar a pureza do sangue através de milênios. Morreu sem compreender que essa tese racista, a prevalecer, apagaria o mito do povo sagrado eleito por Deus. Porque os judeus são um povo filho de uma cadeia de mestiçagens. O que lhes confere uma identidade própria é uma cultura e a fidelidade a uma tradição religiosa enraizada na falsificação da História.

Nos passaportes do Estado Judaico de Israel não é aceite a nacionalidade israelense. Os cidadãos de pleno direito escrevem «judeu». Os palestinos devem escrever «árabe», nacionalidade inexistente.

Ser cristão, budista, mazdeísta, muçulmano, ou hindu resulta de uma opção religiosa, não é nacionalidade. O judaísmo também não é uma nacionalidade.

Em Israel não há casamento civil. Para os judeus, é obrigatório o casamento religioso, mesmo que sejam ateus.

Essa aberração é inseparável de muitas outras num Estado confessional, etnocracia liberal construída sobre mitos, um Estado que trocou o yiddish, falado pelos pioneiros do «regresso a Terra Santa», pelo sagrado hebraico dos rabinos, desconhecido do povo da Judeia que se expressava em aramaico, a língua em que a Bíblia foi redigida na Babilónia e não em Jerusalém.

O «Estado do Povo Judeu» assume-se como democrático. Mas a realidade nega a lei fundamental aprovada pelo Knesset. Não pode ser democrático um Estado que trata como párias de novo tipo 20 % da população do país, um Estado nascido de monstruoso genocídio em terra alheia, um Estado cuja prática apresenta matizes neofascistas.

O livro de Shalom Sand sobre a invenção do Povo Judeu é, além de um lúcido ensaio histórico, um ato de coragem. Aconselho a sua leitura a todos aqueles para quem o traçado da fronteira da opção de esquerda passa hoje pela solidariedade com o povo mártir da Palestina e a condenação do sionismo.

E qual é o seu prognóstico para o futuro?

Até o momento o sionismo mantém o seu carácter etnoreligioso e eu acho que vai destruir o Estado de Israel. O Estado de Israel diz que o Estado do povo judeu é um Estado democrático e judeu, e isso é um paradoxo, uma contradição. Um Estado democrático pertence a todos os seus cidadãos. Um quarto dos cidadãos israelenses não são judeus, mas o estado diz que pertence somente aos judeus. Existem leis que dizem que o estado é judeu, e que o Estado não está aberto a outros. Sionismo não reconhece "israelenses" não-judeus e isso não pode continuar. Mesmo que Israel deixa os territórios ocupados não será calmo. Os árabes estão vivendo em um estado que diz que não é deles, em cujo hino nacional fala do "espírito judaico". Quanto tempo isso pode durar?

Que os judeus estão fazendo para o mundo?

Podemos ver em Israel, que há 50 anos eram uma crueldade absoluta. Compraram 10% da Palestina ao ESTADO existente da Palestina. Depois iniciou-se uma matança, roubo e degradação. Eles

constantemente estiveram matando e roubando a terra dos palestinos até hoje, onde ocupam 90% da Palestina. Uma vez que Israel tem armas de última geração, inclusive atômicas, e os palestinos, paus, pedras, facas e qualquer foguetinho explosivo inferior, vemos o absurdo e o extermínio que realizam. São uma raça maldita, sem coração, Deus ou raiz mais que a demoníaca sede de poder e sadismo constante que os abrange.

Além disso todas as guerras, incluindo outras Oriente Médio como UCRÂNIA KOSOVO E Jugoslávia; único benefício para o judaísmo, que busca dominar o mundo, governando a partir de Israel.

Nenhum povo recebeu a maior parte da sociedade humana que os judeus! E veja como eles nos pagar

....

Vale a pena ver este excelente artigo em espanhol de Adrian Salbuchi:
<http://actualidad.rt.com/expertos/salbuchi/view/139347-wars-israel-semitismo-sionismo>

Jopeu

14/10/2014